

Formação acadêmica, participação política e identidades profissionais - histórias de vida de professores de Sociologia em Maringá-PR

Raony Palicer de Lima¹

Resumo: A história de vida tem se apresentado como uma rica ferramenta de pesquisa na área educacional. Desde a década de 90 temos um crescimento na utilização desta metodologia, conforme apontado por Belmira Bueno et al (2006). Pensamos a história de vida na área educacional em consonância com Antônio Nóvoa, pesquisador português que apresenta a riqueza de abordagens possíveis dentro desta perspectiva. A abordagem que apresentaremos aqui é a que Nóvoa chama de “essencialmente teórica voltada para a profissão professor”, com isso dizemos que nosso trabalho estará focado na figura do professor como um profissional e nos aspectos relacionados ao modo que ele concebe essa profissão. Para tanto realizamos entrevistas colhendo a história de vida temática de alguns profissionais desta área e a analisamos à luz da teoria sociológica e pedagógica.

Palavras-chaves: formação profissional; atuação política; história de vida

¹ Graduando de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá. raonypalicer@hotmail.com

Abstract: The life history method has presented itself as an important sourcing tool for education analyzes. Its use has been increased since the 90's according to Belmira Bueno et al (2006). We have the use of this method in education in conformity to Antônio Nóvoa, Portuguese researcher who presents a diversity of approaches from this intellectual perspective. Amongst the many of them, the one we will target in here is called by Nóvoa as “essentially theoretical focused on teaching”, that is to say this essay will focus on the teacher as a professional, in addition to all aspects related to its point of view on such profession. For that we have interviewed teachers about their life histories, collecting and analyzing the data with the sociological and pedagogical theory.

Keywords: Professional formation; political action; life history

Introdução

A Sociologia é uma disciplina em processo de consolidação na grade curricular do ensino médio brasileiro e como tal parte de um processo de luta que se intensifica durante sua inserção nas escolas. Por isso consideramos salutar analisar como o professor se constrói enquanto profissional e enquanto agente político.

Para tanto resolvemos lançar mão de uma ferramenta metodológica em voga nas pesquisas acadêmicas voltadas à figura do professor, a história de vida. Seguimos o referencial de Antônio Nóvoa, pesquisador português que em duas de suas obras apresenta as possibilidades e riscos da pesquisa com história de vida entre

professores. Se em 1988 o autor apresenta a riqueza desse filão inexplorado na obra organizada junto com Mathias Finger “O método (auto)biográfico e a formação”, quatro anos depois Nóvoa mostra-se ressabido e aponta a necessidade de rigor metodológico ao se tratar do tema em “Vidas de professores”. (BUENO et al, 2006)

As pesquisadoras Belmira Bueno, Helena Chamlian, Cynthia de Souza e Denice Catani levantaram em periódicos, dissertações de mestrados, teses de doutorados e livros publicados na área de educação os trabalhos que utilizaram essa abordagem entre 1990 e 2003. Elas constatam um nítido crescimento, partindo de uma variação de 2 a 4 trabalhos por ano entre 1990 e 1994 que se expande para 14 trabalhos no ano seguinte. Esse nível de produção permanece estável nos anos seguintes, com uma média de aproximadamente 11 trabalhos por ano entre 1995 e 1999. A partir de então se tem um novo salto na quantidade de produções que confiam nesta abordagem, sendo 19 em 2000, 23 em 2001, 20 em 2002, e o auge coincidindo com o fim do período analisado, 30 em 2003. As autoras analisam detalhadamente essa produção, porém estes dados já nos são suficiente para ilustrar a aceitação que essa abordagem teve no campo de pesquisa educacional brasileiro. (BUENO et al, 2006)

Não foram apenas os pesquisadores brasileiros que aderiram à história de vida, houve um crescimento generalizado. Foi este

crescimento que levou Nóvoa a fazer ressalvas quanto a utilização do método, temendo uma banalização desta abordagem com trabalhos poucos rigorosos. Outra tentativa do autor português neste sentido foi a esquematização de tipos de pesquisa de história de vida, relacionando os objetivos da pesquisa com a dimensão averiguada do professor. Temos então três tipos de objetivos: essencialmente teóricos, essencialmente práticos e essencialmente emancipatórios (teórico-prático); e três dimensões: a pessoa professor, as práticas dos professores do professor e a profissão professor. O relacionamento entre os objetivos e as dimensões nos dá nove tipos de pesquisas envolvendo histórias de vida (NÓVOA,1992). Embora não pretenda limitar a pesquisa a essa classificação, o esquema de Nóvoa facilita o trabalho do pesquisador ao esclarecer o horizonte da pesquisa. Partindo desta tipologia nosso trabalho apresenta uma faceta “essencialmente teórica *versus* profissão professor”.

Guita Debert aponta que a principal dificuldade em se utilizar a história de vida como metodologia de pesquisa é a infinidade de possibilidades que cada depoimento abre para os pesquisadores. Segundo a autora não existe ponto de saturação nesta metodologia, pois sempre é possível “[...] mergulhar mais profundamente nas mesmas coisas de forma a perceber novos ângulos.” (DEBERT, 1986, p.145). Pensando em limitar este problema nos focamos em uma história de

vida temática, abordando a formação universitária do professor e seus anos de docência. Realizamos as entrevistas com dois professores de Sociologia do ensino médio público do Estado do Paraná, na cidade de Maringá: O professor Ricardo e a professora Sophia, ambos formados na Universidade Estadual de Maringá, no curso de Ciências Sociais.²

Ricardo formou-se em 2006, sete anos após iniciar seus estudos na universidade, envolto em problemas pessoais e profissionais. Como muitos alunos do período noturno, teve que conciliar estudos e trabalho e, além disso, teve que lidar com um caso de doença e falecimento na família, levando-o a paralisar os estudos durante um período. Essa formação conturbada desembocou em uma carreira não menos movimentada, que coincidiu com o início da obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio no Paraná e perpassou problemas com o Núcleo Regional de Educação quanto a distribuições de aulas, lutas pela manutenção da carga horária da disciplina e um concurso para efetivação de professores bastante controverso.

Enquanto Ricardo estava iniciando sua carreira de professor, Sophia iniciava seus estudos em ciências sociais. Sua trajetória foi menos problemática que a de Ricardo, mas não foi livre de turbulências, causadas por certa indecisão quanto à escolha da área e por problemas de relacionamento com alguns professores da universidade. Durante o

² Os nomes dos entrevistados foram modificados.

curso, Sophia tinha dúvidas quanto à sua escolha, dúvidas essas que foram dissipadas ao adentrar a escola como professora, ainda sem ter se formado, em seu último ano de universidade, em 2011. Desde então tem participado das distribuições de aulas para professores temporários e das manifestações e movimentos por melhores condições de trabalho aos profissionais da educação.

Tanto Ricardo como Sophia demonstram a inseparabilidade “do eu pessoal do eu profissional”, apontado por Nóvoa, mostrando que características da subjetividade do professor interferem na sua prática docente, formando assim sua identidade profissional intrinsecamente ligada à sua identidade pessoal. Mais do que isso, esses professores levam para a luta política suas identidades profissionais e pessoais, na medida em que sua atuação em sala de aula infere na busca por melhores condições para si e para os alunos.

Realizamos as entrevistas em circunstâncias diferentes. Enquanto nos aproveitávamos do intervalo das aulas para entrevistar Ricardo, professor que acompanhávamos na disciplina de estágio, a entrevista com Sophia foi realizada em sua casa, de acordo com sua preferência. Mesmo com essas diferenças de cenário houve certo grau de padronização, ambas as entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos entrevistados e se baseavam em um mesmo roteiro que procurava abarcar detalhadamente a formação dos professores em

seu período de graduação, o início da docência, o início das participações em processos reivindicatórios e a continuidade de suas lutas políticas e atuações profissionais. Embora mantivéssemos estes objetivos tentávamos interferir o menos possível, deixando o entrevistado encadear suas ideias.

Trabalhamos com os conceitos de luta, participação, e movimentação política como sinônimos, embora não desconheçamos suas particularidades, entendemos que para a proposta do trabalho suas semelhanças se sobrepõem. Os conceitos serão por nós utilizados para denotar a inserção dos professores em processos de disputas por projetos de sociedade, ou seja, como “instrumento de legitimação e fortalecimento das instituições democráticas e de ampliação dos direitos de cidadania” (AVELAR, 2004). Lucia Avelar propõe uma síntese dos canais de participação política em três tipos, quer sejam:

“o canal eleitoral, que abrange todo tipo de participação eleitoral e partidária, conforme as regras constitucionais e do sistema eleitoral adotado em cada país; os canais corporativos que são instâncias intermediárias de organização de categorias e associações de classe para defender seus interesses no âmbito fechado dos governos e do sistema estatal; e o canal organizacional, que consiste em formas não-institucionalizadas de organização coletiva como os movimentos sociais,

as subculturas políticas etc.” (AVELAR, 2004, p.225, grifo da autora)

Partindo dessa tipologia, focaremos nossa análise nos dois últimos *canais*, pois os entrevistados não estão filiados a nenhum partido (embora ambos tenham se aproximado da mesma sigla em sua trajetória recente) e não quisemos dar um foco eleitoral para nossa pesquisa, e sim ver suas inserções em outras formas de participação.

A aluna perdida, a professora engajada

A formação de Sophia segue uma mesma linha desde o seu princípio, pautada por sua indecisão e desconhecimento quanto à área escolhida. Ela não conseguiu fugir da sensação de estar perdida ao ter que escolher um rumo profissional, caracterizado pela escolha do curso universitário, que assolam os jovens egressos do ensino médio. Seus pais a deixavam “livre demais”, em suas palavras, sem interferir na escolha e sem dar direcionamento de nenhum tipo, o professor de Sociologia também não a influenciou, por não ser formado na área não soube detalhar como seria o curso e a carreira que a interessava, sendo assim ela optou por Ciências Sociais devido exclusivamente à afinidade com matérias relacionadas a Ciências Humanas.

Essa indecisão perpassará sua graduação, após um início movimentado, no qual teve desavenças com professores e acumulou dependências, Sophia vai se acostumando com a vida acadêmica, progredindo no curso, mas persiste o sentimento de não pertencimento, uma dúvida quanto a escolha realizada que chega ao seu auge no terceiro ano de curso, o qual ela não abandona por não saber o que faria, “já não me imaginava fazendo outras coisas”. Tal crise será solucionada com o início da docência, no último ano de graduação através do Processo Seletivo Simplificado (PSS). Ao se ver professora ela se realiza profissionalmente, “Nossa, é isso que eu tenho que fazer mesmo!”.

Ela conta que iniciou dando aula em um colégio da periferia de Maringá, famoso por sua precariedade e problemas de violência entre alunos, mesmo assim ela se mostrou animada lembrando esse início e diz ter percebido que não adiantaria ser autoritária, que seria necessário criar uma intimidade, conversar com os alunos para tornar o ambiente e o exercício da profissão agradável. A partir de então não teve mais dúvidas quanto a sua profissão, formou-se e continuou a lecionar com contratos temporários.

Essa intimidade criada com os alunos que a tornou amiga dos mesmos e revelou sua vocação para a profissão levou-a a se aproximar dos debates políticos em torno da escola, primeiro acompanhando as

eleições para diretor dos colégios em que atuava, em um segundo momento se sindicalizando e acompanhando o processo de eleição para o sindicato e finalmente se engajando em lutas dentro e fora da escola, tão diversas quanto a anulação do concurso do SEED promovido pelo edital 017/2013 e a não incineração de lixo em Maringá-PR, ou como a manutenção da carga horária de sociologia e o transporte público.

As lutas fora da escola, como o processo contra a incineração de lixo e o pelo transporte público mais acessível e de qualidade se dão pelo canal organizacional, nascendo de setores prejudicados por essas investidas ou costumeiramente críticos do atual estado de nossa sociedade que se organizam em torno de determinada causa. Mesmo que contando comumente com participação de partidos políticos, estes casos não se caracterizam como um canal eleitoral, pois não se dá no âmbito destes partidos, nem se limitam a ele. Pelo contrário, há união de diversas bandeiras e uma verdadeira organização em torno da atuação.

As lutas dentro da escola, como a defesa da carga horária de sociologia nos currículos do Estado do Paraná, se deram pelo canal corporativo, principalmente pelo sindicato dos professores deste Estado, a APP Sindicato (Associação de Professores do Paraná - *Sindicato dos Trabalhadores da Educação do Paraná*). Sophia até nos descreve um caso de organização espontânea dos professores que foi desmobilizada

por essa instituição, acusando-os de formar uma “movimentação paralela”.

Um ponto curioso da trajetória de Sophia é o seu distanciamento das movimentações políticas durante sua formação, segunda ela já “tinha um pessoal bom envolvido” nas lutas sociais dentro da universidade e ela preferiu manter-se fora dos pólos, embora se envolvesse em questões pontuais e engrossava os quadros em movimentações mais organizadas que ganhavam as ruas. Isso demonstra o quanto foi importante o processo de profissionalização, isto é, a partir do momento em que se investe da figura de professora, Sophia passa a se engajar em lutas pela profissão e pela cidade. É a interpenetração da identidade pessoal à identidade profissional, remodelando o modo como Sophia se enxerga e se mostra ao mundo.

O professor Rockeiro, o pai do Clark³

Às entrevistas realizadas com Ricardo foram adicionadas análises de nosso acompanhamento de suas aulas. Este processo enriqueceu o trabalho, pois podemos observar a prática de sua profissão e seu forte relacionamento com os alunos, algo que pudemos retirar

³ O nome do filho do professor também foi substituído, mantendo porém sua característica marcante, quer seja, um nome incomum para os padrões nacionais inspirados em uma figura emblemática das histórias em quadrinhos.

teoricamente do discurso de Sophia, mas que ganha força ao ser observado empiricamente.

Ao finalizar suas aulas, Ricardo tem o costume de gritar “Hey Ho”, ao que é prontamente respondido pela turma, “Let’s go”. Este dueto “à la Ramones” nos mostra sua postura dentro da sala de aula e nos diz muito sobre sua identidade. O “Hey ho, let’s go!” compartilhado com os alunos tem a mesma função que a vestimenta do professor, isto é, demonstra a formação da identidade profissional através da subjetividade do indivíduo professor. A vestimenta, no caso, são calças jeans e camisas estampadas com super-heróis dos quadrinhos. Mais do que um gosto pela expressão artística das HQs, as camisas do professor revelam um significado profundo do indivíduo Ricardo, pois o mesmo batizou seu filho com o nome de um conhecido herói destas histórias, demonstrando um relacionamento bastante significativo deste elemento em sua personalidade. O jeito despojado de Ricardo é levado para dentro da sala de aula, onde com vitalidade juvenil o professor se relaciona com os alunos e com o conteúdo a ser trabalhado.

Assim, entre o roqueiro e o aficionado por quadrinhos se encontra o professor, que passou por uma formação conturbada, entremeada com falecimento na família e desavença com professores, dividindo espaço com o trabalho e só finalizada sete anos após o seu início. Logo no primeiro ano de faculdade, em 2000, Ricardo entrou em

conflito com um professor, tal conflito se alongou por um tempo tendo que ser resolvido por meio de processo acadêmico. Somado a isso seu pai adoeceu gravemente, abalando seus estudos e o posterior falecimento daquele o fez se dedicar mais ao trabalho do que aos estudos, como modo de garantir alguma renda. Nesta época trabalhou com vendedor em loja de ferramentas e como agente de saúde no combate à dengue. Essa sucessão de acontecimentos o levou a trancar o curso, formando-se apenas em 2006.

Uma frase dita pelo professor pode servir para sintetizar tanto sua formação como sua atuação profissional: “não estou entre os mais inteligentes, mas arregação as mangas”. A frase, um tanto quanto humilde, revela as dificuldades de Ricardo em relação à universidade e à escola, contrabalanceada por seu esforço tanto no sentido físico, do trabalho, quanto no sentido político, nas lutas por conquistas e manutenção dos direitos.

Em 2007 inicia sua jornada em busca de trabalho como professor temporário. Na época, Maringá contava com poucos profissionais formados na área, já que a primeira turma formou-se em 2003 e nem todos buscavam o magistério. Desta maneira o quadro de professores de sociologia era extensamente preenchido com profissionais de outras áreas, por vezes nem sendo áreas afins, como no

caso dos professores com formação na área de exatas que lecionavam Sociologia.

O professor tinha certa flexibilidade no emprego que se encontrava, conseguindo desta maneira se ausentar para participar dos “leilões”⁴ de aulas para professores temporários. Desta forma ele consegue após certa insistência sua primeira aula. Ilustrando seu despreparo o professor nos conta que assumiu essas aulas pela manhã, tendo que ministrá-las pela tarde do mesmo dia, assim o professor pensou em se apoiar no livro didático, pedindo a leitura deste e sanando eventuais dúvidas. O problema é que a aula em questão era em uma instituição de ensino para jovens e adultos, na qual não se utilizava livros didáticos e a metodologia de ensino era diferenciada.

Com essas primeiras aulas vieram às primeiras movimentações políticas. Conversando com a professora que havia disponibilizado as aulas – por estar em licença-maternidade – ele descobriu que ela havia deixado 40 horas/aula, quando só havia chegado à ele 20 horas/aulas. Pesquisando o professor descobriu que as aulas tinham sido redistribuídas internamente e entrou com processo de revisão, o qual ganhou, assumindo assim todas as aulas a que tinha direito.

⁴ As aulas do processo seletivo simplificado são distribuídas semanalmente entre os presentes no dia por ordem de classificação, caso esteja na posição do candidato, mas este não esteja presente ele perde estas aulas e transferido para a última classificação. Este processo é chamado pelos professores de “leilão”.

A partir de então Ricardo se acostumou a averiguar sempre a origem das aulas e a examinar minuciosamente sua distribuição, mais do que isso, ele ligava aos colégios averiguando se o professor de sociologia era formado na área e anotava qualquer erro que encontrava. Ao mesmo tempo, tínhamos outros professores da área fazendo o mesmo trabalho e esses professores foram se conhecendo e conversando, surgindo assim uma rede de apoio entre os professores.

Após o fim de sua licença-maternidade a professora efetiva retornou às suas aulas, fazendo com que Ricardo voltasse a buscar aulas, ele conta que passou o restante deste ano assumindo aulas diversas, um pouco em cada escola, até chegar ao fim do ano e estar desempregado. Com a experiência adquirida no ano anterior foi se tornando mais simples para o professor pegar aulas – pois o PSS contabiliza o período trabalhado como critério de seleção. Até 2011, Ricardo conseguiu pegar aulas com certa facilidade, a rede de professores mantinha-se na vigilância da distribuição e, tirando os comuns problemas de atraso no pagamento, não houve contratempos.

Porém, neste ano ocorreu uma grave falha no processo, com todas as aulas sendo distribuídas antes do processo seletivo. Com isso os professores chegavam aos “leilões” e não havia aula alguma. Foi neste momento que a rede de professores mostrou sua força ao agregar os professores manifestações em frente ao Núcleo Regional de

Educação e em torno de processos de revisão de distribuição de aulas, fazendo com que as aulas retornassem para o Núcleo de Educação e fossem redistribuídas entre os professores. O professor Ricardo foi muito atuante neste movimento, organizando e participando das manifestações.

Assim como Sophia, este professor não participava ativamente no movimento estudantil durante seus anos de formação. Apenas no início da docência, através deste processo de acompanhar e defender a distribuição de aulas para professores temporários, que Ricardo debutou na participação política. Analisando a sindicalização de professores universitários, Marcelo Ridenti (1995) aponta que o Movimento Docente é a “pós-graduação” do Movimento Estudantil, pois uma considerável parte dos ativistas e das demandas migravam de um movimento ao outro. O caso de Sophia e de Ricardo, talvez o caso dos professores da rede pública do Estado do Paraná, não segue essa linha.

Recuperando os termos de Lucia Avelar, no caso de Ricardo a atuação política é ainda mais voltada para o canal organizacional. O professor não poupa críticas ao Sindicato e a professores de outras áreas que não apoiam as lutas dos professores de Sociologia. Segundo ele o Sindicato só se faz presente em causas ganhas para deixar seu nome e os professores de outras áreas estão voltados aos seus próprios interesses e deixariam a Sociologia ser novamente excluída para

angariar mais horas-aula. Entretanto, para Ricardo, resta ainda um aliado importante para os professores da área.

“Nosso apoio está ali dentro”

No final de 2012 o Governo do Estado do Paraná propôs uma mudança na sua grade curricular. Em uma tentativa de melhorar os índices de desempenho em testes como o Prova Brasil, foi proposto o aumento da carga horária das disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa. Para tanto matérias como Artes, Educação Física, Sociologia e Filosofia teriam sua carga horária diminuída. Obviamente essa proposta foi vista com maus-olhos pelos profissionais dessas áreas, mas falaremos aqui apenas das áreas de Sociologia e Filosofia, por atuarem em conjunto e ser o espaço de nosso estudo.

Cientes da precarização ainda maior que sofreriam em sua profissão, os professores de Sociologia e Filosofia se uniram e conseguiram se organizar em variados protestos pelo estado. Em Maringá mais uma vez foi importante a rede de professores organizada em torno das distribuições de aulas temporárias, que serviu de para agregar e organizar os professores para além do sindicato.

Ambos entrevistados participaram ativamente dos protestos e paralisações que se estenderam no final do ano. Desta vez, no entanto,

com um diferencial. Ricardo levava aos alunos as últimas informações dos acontecimentos, avisava-os da ameaça da perda de aula e colocando-os a par da conjuntura instigava a participação política dos mesmos. O professor conta que teve seu emprego ameaçado, sendo coagido pela direção a não participar das paralisações. Mesmo os colegas professores de afins das quais mais se esperavam esse suporte, como História e Geografia, se ausentaram, segundo a narração de Ricardo. Isto o levou a buscar ajuda junto aos alunos, o fazendo afirmar enquanto apontava para a sala de aula que “nosso apoio está ali dentro”.

Os alunos responderam ao chamado do professor pressionando a direção e alguns chegaram a participar dos protestos em frente ao Núcleo Regional de Educação. Consideramos que a postura despojada de Ricardo, sua figura de professor próximo aos alunos, tenha sido muito importante para angariar o amparo dos alunos neste momento. Identificados com a figura do professor, os alunos passaram a participar politicamente da defesa deste. Assim, temos também neste momento, uma clara demonstração de relacionamento intrincado entre a identidade pessoal do professor e sua identidade profissional.

Finalmente, o Governo do Estado cedeu às pressões dos professores (e alunos, neste nosso caso específico) e não efetivou a mudança em 2013 como era sua intenção. No entanto, os professores

destas áreas estão em constante sobreaviso, cientes da fragilidade de seu espaço no magistério que tantas vezes já foi suprimido.

Considerações Finais

As histórias de vida destes dois professores nos fornecem detalhes sobre quem eles são e como foram formados. Eles nos contam sobre seus inícios de carreira, suas dificuldades e compartilham suas ferramentas para superá-las. Além disso, ajudam a formar o quadro da situação atual de nossa educação, das lutas políticas em defesa dela e dos ataques que ela sofre. Por fim, mostram a intrínseca relação entre a identidade do professor enquanto sujeito no mundo e identidade do professor enquanto profissional e essa relação envolta em seus processos de disputas políticas.

Ambos os professores tem uma trajetória semelhante, partindo de uma formação acadêmica onde não se dedicavam com empenho exemplar aos estudos (Ricardo por problemas familiares e por ter que dividir o tempo com o trabalho, e Sophia por não estar certa quanto à sua escolha pelas Ciências Sociais), passando pela ausência de participação no movimento estudantil e desaguando em uma prática docente engajada com as lutas políticas da área. Do mesmo modo ambos os professores expõem suas particularidades e idiossincrasias.

Esse, no entanto é apenas um dos quadros possíveis de serem montados. Em um de seus trabalhos mais recentes, Nóvoa (2009) afirma que não há como fazer políticas públicas escolares de dentro da escola, ela deve partir dos professores e deve-se levar em conta suas histórias de vida. Dentro da infinidade de professores, histórias e enfoques, selecionamos por misto de curiosidade, praticidade e inquietação os discursos aqui expostos. Muitos outros deverão ser montados e discutidos para uma escola mais diversificada e abrangente.

Referências

AVELAR, Lucia. Participação Política. In: AVELAR, Lucia; CINTRA, Antonio Octavio. (Orgs.) **Sistema Político Brasileiro: uma introdução**. São Paulo: Fundação UNESP Ed. 2004

BUENO, Belmira, et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). In **Educação e Pesquisa**. Vol.32 n. 2, maio – agosto/2006, p.385-410.

DEBERT, Guita. Problemas relativos à utilização de história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth; DUNHAM, Eunice Ribeiro. **A**

aventura antropológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 141 - 156.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antonio (org.) **Vidas de Professores.** Porto Editora.

NÓVOA, Antonio. Professores: o futuro ainda demora muito tempo? In: NÓVOA, Antonio. **Professores: imagens do futuro presente.** Lisboa: Educa, 2009.

RIDENTI, Marcelo. **Os professores e ativistas da esfera pública.** São Paulo: Cortez, 1995.